

A RESISTÊNCIA DOS ESCRAVIZADOS NOS ANÚNCIOS DE JORNAIS NO BRASIL OITOCENTISTA

Elainne Cristina Jorge Dias¹

A historiografia conservadora valoriza os heróis como únicos responsáveis pelos grandes feitos da humanidade, colocando a Princesa Isabel como a redentora dos negros escravizados, a libertadora, ignorando todo o processo conjuntural e estrutural que a levou a assinar, em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea. Isto é, a historiografia conservadora estudava e discutia, com grande exclusividade, os considerados grandes eventos desde que estes mediante os fatos sejam tidos como tal.

Até o início da segunda metade do século XX falava-se em escravidão tão-somente, abordando-a de uma forma passiva e branda, ou em outros casos, cruel. Os africanos escravizados eram colocados sempre de maneira passiva ao regime que os oprimia, havendo poucos espaços para estes como sujeitos históricos, onde e quando apareciam nas abordagens historiográficas eram colocados como objetos coisificados, sem experiências e sem histórias.

Segundo VEYNE (1995), por essência, a história é conhecimento mediante documento. Desse modo, a narração histórica, conforme o mesmo, situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento. Desta forma cabe ao historiador a tarefa de dilogar e questionar os documentos, interpretando-os, já que os acontecimentos históricos só podem ser conhecidos mediante indícios.

O documento é resultado da sociedade que o construiu e o manipulou em uma determinada época, podendo então ser utilizado para o estudo da sociedade em questão, ou seja, ele "não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder" (LEGOFF). Os jornais são um exemplo de documento, pois através dele é possível encontrar uma infinidade de abordagens, referentes desde a política, a economia até a sociedade.

Ainda com relação aos jornais, eles podem ser ótimas fontes históricas no resgate a história dos negros escravizados no Brasil, aos quais a partir deles é possível reconstruir o universo social dos escravos fugidos, uma vez que, os anúncios destes, durante o século XIX, demonstram claramente que estes nunca aceitaram ao regime escravocrata, que os oprimia, de forma passiva.

No que diz respeito a escravidão no Brasil, desde as primeiras décadas utilizou-se a mão-de-obra

¹ Esp. em Literatura e Cultura Afro-brasileira

africana. Segundo LUNA (1976), desde 1575 existia um tráfico intenso de escravos entre a África e o Brasil, sendo uma mercadoria de alto valor, pois, enquanto o preço do índio não ultrapassava a casa de quatro mil réis, o escravo africano nunca era vendido por menos de cem mil réis, isto no início da escravidão.

Pode-se destacar ainda que, os africanos escravizados no Brasil nunca submeteram-se ao regime de cativo, resistindo de diversas formas. MAESTRI (1979) mostra que, a resistência do africano na América, ou de seus descendentes, começou com sua chegada ao chamado "novo mundo". Negava-se ao trabalho, fugia, revoltava-se e, muitas vezes, sem outra alternativa, optava pela derradeira auto-libertação: o suicídio.

Todavia, o escravo foi fundamental para a economia brasileira, na época colonial e imperial, estando presente em todas as áreas e setores de atividades econômicas, sendo muitas vezes tratados pelos senhores como animais de serviço:

Cavalos, burros, estavam livres da tirania do tronco, dos bolos de palmatória, do sulphício das máscaras de Flandres, das torturantes prisões em solitárias soturnas, da terrível agonia de longos jejuns, da ignomínia dos grilhões e de todas as formas de desumanos e humilhantes castigos físicos e morais. (LUNA, 1976, p.24)

Além disso, os escravos sofriam diversas punições caso cometessem alguma falta, através de castigos severos e repressivos e até mesmo a pena de morte, segundo a Lei de 10 de junho de 1835, afirmava que se os escravos:

Matarem de qualquer maneira que seja, propinarem veenos, ferirem gravemente qualquer outra ofensa física ao senhor, a sua mulher, a ascendentes ou descendentes que em sua companhia morarem, a administrador, feitor e as mulheres que com eles morarem (QUEIROZ, 1987, p.37)

pagariam com suas vidas, ou seja, seriam mortos. O castigo mais utilizado durante o regime escravo, foi o açoite, extinto apenas dois anos antes da abolição da escravidão.

O escravo reagiu e resistiu a estes maus tratos com diversos tipos de protesto, os quais representavam sua revolta contra o regime que os oprimia e negava a sua identidade como ser humano. O suicídio, o aborto, a resistência ao trabalho foram os tipos de reações mais usadas frequentemente.

A fuga era a reação mais utilizada pelos escravos para escapar do regime de cativo, aos maus tratos e aos castigos. Nos primeiros anos da colonização, eles procuravam as serras e matas pra esconder-se ou misturar-se com os mestiços que ocupavam os sertões. A partir do século XIX, passaram a fugir rumo as cidades, devido o desenvolvimento urbano que acontecia, integrando-se à sociedade livre, usando para isto truques como a mudança de aparência, nome e até mesmo se

passar por um africano recém-chegado. Sobre este aspecto GOMES (2003, p.53) diz que mais do que fugir, permanecer escondido, oculto, longe de senhores e capturados era uma arte.

Nas fugas, muitos iam para os quilombos, que se situavam em pontos de difícil acesso, distantes das vilas e cidades, como por exemplo, o famoso quilombo de Palmares, surgido no Nordeste durante a ocupação holandesa. Os quilombos acabaram estimulando a fuga de escravos, que conseqüentemente acabavam dando prejuízos aos seus donos, já que tinham que contratar capitães-do-mato para recapturar os negros fugidos, onde ao pagá-los, se reagissem, poderiam ser castigados e até mortos.

Para conter a fuga dos escravos e até mesmo capturá-los, os senhores utilizavam os jornais para anunciar as fugas de seus escravos e a recompensa por quem os trouxessem de volta. FREYRE (1971, p.78) destaca sobre este aspecto que:

como a história econômica do Brasil é, até a Abolição, em grande parte, a história do trabalhador negro- a significação dos anúncios relativos a escravos torna-se capital. Por algum tempo, chegaram esses anúncios a ocupar 1/3 e até 1/2 da parte ineditorial dos diários.

Porém para se compreender melhor a realidade dos africanos escravizados no Brasil e de seus descendentes, através dos anúncios de jornais do século XIX, é preciso antes de tudo analisar a importância da imprensa na reconstrução deste contexto histórico que são as fugas dos escravos.

Marina Camisas e Renato Venâncio, no artigo "Jornais mineiros do século XIX: digitalização, indexação e acesso", destacam que, no Brasil até 1808, a impressão de livros e jornais era proibida, começando ser introduzida a partir da chegada da Família Real, já que houve a necessidade de se fazer imprimir os atos do governo e de divulgar notícias interessantes a Coroa. Então, com a fundação da Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808, passaram a circular, no Brasil, diversos jornais como o Correio Braziliense e o Gazeta do Rio de Janeiro.

Estes primeiros jornais publicados em terras brasileiras, além de informarem sobre notícias internacionais, projetando o Brasil no cenário nacional, noticiavam também sobre a vida administrativa e social do Reino, podendo assim ser um documento importante para estudo desta época.

De acordo com FIDELIS (1986, p.11), se não existisse imprensa, certamente não haveria evolução, a vida seria vazia, árida. Escravos continuariam acorrentados as vontades dos amos, o clamor não sensibilizaria os dirigentes, os tiranos seriam mais autoritários e ferozes, os legisladores não se apressariam em aprimorar as leis, em instituir dispositivos constitucionais em defesa do trabalhador e do cidadão.

Porém, nem sempre a imprensa foi utilizada em prol a libertação dos escravos. FREYRE (1963) salienta que, desde a estabilização da imprensa no Brasil, no início do século XIX, a maioria dos anúncios dos jornais eram a procura de escravos fugidos:

CRIOULO FUGIDO: Anda fugido, desde o dia 18 de Outubro de 1854, o escravo crioulo de nome Fortunato, de 20 e tantos annos de idade, com falta de dentes na frente, com pouca ou nenhuma barba, baixo, reforçado, e picado de bexigas que teve ha poucos annos, é muito pachola, mal encarado, falla apressado e com a bocca cheia olhando para o chão; costuma as vezes andar calçado intitulado-se forro, e dizendo chamar-se Fortunato Lopes da Silva. Sabe cozinhar, trabalhar de encadernador, e entende de plantações na roça, donde é natural. Quem o prender, entregar a prisão, e avisar na côrte ou seu senhor Eduardo Laemmert, rua da Quitanda n77, receberá 50U000 de gratificação.
(<http://noticias.bol.uol.com.br>)

Através deste anúncio de um escravo fugido, é possível constatar retratos da situação dos escravizados no Brasil, onde por meio de sua descrição física (falta de dentes na frente), dos temperamentos (mal encarado), das habilidades (sabe cozinhar, trabalhar de encadernador...) e das maneiras de se vestir (costuma as vezes andar calçado), se adicionavam a outra pistas sobre os maus tratos que sofriam. Além disso, muitos anúncios chamam atenção das pessoas para com os negros que se faziam passar por livres, forros, como mostra ainda o mesmo anúncio citado acima.

Ainda com relação ao mesmo anúncio citado acima, ele nos mostra outra característica importante a ser analisada, no caso a data da fuga do escravo. Em respeito a este aspecto GOMES (2003,p.46) aponta:

Era comum em alguns anúncios constar a data da fuga do escravo. O período entre a ocorrência da fuga e a publicação do anúncio pode nos revelar que alguns senhores, já "acostumados" com evasões constantes de seus cativos na corte (fugas temporárias de finais de semana, uma espécie de petit maronage), esperavam um determinado "prazo" para desencadear o processo de captura, que podia ir desde a comunicação aos juizes de paz, dos comissários de polícia locais ou á repartição de polícia da corte até o anúncio num periódico de grande circulação, ou a contratação de pedestres e capitães-do-mato.

Isto nos mostra então que era comum ou até mesmo "normais" estas fugas, uma vez que, os donos dos escravos fugidos esperavam alguns dias para oficializar a fuga as autoridades e jornais, chegando a esperar uma semana a quinze dias. No caso destas fugas consideradas temporárias, elas aconteciam pelos mais variados motivos como por exemplo a ida ao Entrudo, festa de carnaval de rua, ir a festas ou ajuntamentos praticar capoeira, visitar parentes ou mesmo antigos senhores em busca de "apadrinhamento", ou seja, recuperar através de um suposto retorno, alianças e laços familiares.

Em outros anúncios pode-se encontrar também outra características típicas destes anúncios como este:

No dia 13 de janeiro de 1834, fugiu de uma casa no Recife um negro por nome de

Francisco, por alcunha Canáio, nação Caçange, pequena figura, cara redonda, um pouco picado de bexiga, pouca barba e olhos um tanto vermelhos, as mãos curtas, padeiro, no pé direito um pequeno grilhão, muito ladino... Os capitães de campo tivessem cuidado com esse negro que embora pequeno... era afoito. Mas o capitão de campo ou o particular que se empenhasse em segurar moleque tão safado contasse com a gratificação de vinte mil réis (D.P,25-1-34. in. FREYRE. 1963.p.104/105)

Este anúncio demonstra a importância de se levar em conta a profissão ou ocupação dos escravos nos índices de fugas (padeiro, neste caso), onde estes escravos com ocupações especializadas acabavam muitos fugindo para as cidades trabalhar pelo ofício, apresentando-se como forros. Entre outros aspectos podemos destacar ainda a origem tribal ou geográfica dos africanos trazidos para o Brasil (nação Caçange), seus traços físicos (pequena figura, cara redondo) e modos de falar (muito ladino).

Com relação ao modo de falar dos escravos fugidos, muitos anúncios davam detalhes: Felipe fugiu em 1840 da casa dos seus senhores ainda tão menino e tão boçal- isto é, tão recente no Brasil-, que pouco se entendia sua fala. (DP,10/2/1840.in.<http://www.pucminas.br>). Assim, alguns anúncios focalizam a capacidade limitada de expressão linguística de escravos que fugiam, podendo ser isto o resultado de uma aculturação incompleta. Porém muitos escravos quando capturados fingiam-se de boçais, ou seja, que não falavam a língua de seu senhor, sendo isto uma maneira que estes utilizavam para evitar seu retorno ao domínio senhorial, pois se “não sabiam” dizer o nome de seus senhor, como poderiam ser mandados de volta para ele.

Estes anúncios desta forma demonstram que:

Onde houva escravos houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob ameaça de chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individualmente e coletivamente... a fuga e a formação de grupos de escravos fugidos. (REIS. GOMES, 1996,p.9)

Nestes anúncios procurava-se atrair a atenção do leitor, através de uma fácil compreensão do assunto, o "objeto" anunciado. No caso dos escravos a venda ou de aluguel, eram expostos como portadores de virtudes que nem sempre eram verdades, a fim de conquistar compradores e interessados. Ex."Aluga-se na Rua do Lavradio nL6, um preto perfeito cosinheiro de forno, fogão e massa, um dito para todo serviço e um moleque com prática de carpinteiro".(in.<http://bndigital.bn.br/projetos/escravos>)

O comércio de escravos provenientes da África era feito em praça pública, através de leilões, pois, neste momento:

Eram comuns os leilões de escravos. Ficavam os negros expostos sobre tabladados e o leiloeiro os apregoava, anunciando em altos brados suas qualidades. Suas descrições afrontosas à dignidade humana não chocavam os habitantes frequentadores de

leilões. (COSTA. 1989,p.88)

No Rio de Janeiro, existia um mercado de escravos na Rua Valongo, no qual eram colocado os negros escravizados em exposição para serem examinados, desde a cabeça, os olhos, a boca, os dentes, os braços, as mãos, o tornco, as pernas, os pés e até mesmo, no caso das mulheres, os seios, para verificar se não havia rupturas. Muitos deles eram vendidos nos leilões publicados nos jornais, como mostra esta publicação de um jornal do Rio de Janeiro a 1 de julho de 1854:

Hoje sábado 1 de julho, na Rua do Ouvidor n.90, às 10 1/2 horas. I. Bouis para leilão na sua casa de diversos escravos de ambos os sexos e diferentes idades, sendo pretos de ofícios, ditos da roça, pretas mucamas, ditas de todo serviço, ditas com filhos, moleques, negrinhas, etc, os Srs. Compradores os poderam examinar antes do leilão, os que forem desconhecidos darão um signal de 10 S000 no acto de arrematarem o primeiro escravo todos os escravos são afiançados de boa saúde. (CORAND, 1975, p.71)

Apesar da discussão, em 15 de setembro de 1869, foram proibidas as vendas de escravos debaixo de pregão e em exposição pública. Mesmo assim, anúncios de venda e fuga de escravos continuavam sendo colocados nos jornais, esta última, informando a descrição da fuga, das características do procurado, sexo, nome, idades aproximadas, dados sobre a condição de saúde e física do cativo, a sua nacionalidade e também a recompensa a quem o achar. Sobre esta última questão, no caso a recompensa, FREYRE (1971, p.78) coloca que, como a história do Brasil é até a Abolição, em grande parte, a história do trabalhador negro- a significação dos anúncios relativos a escravos torna-se capital, ocupando por algum tempo 1/3 e até 1/2 da parte ineditoral dos diários. Todavia, esta visão de FREYRE, destaca apenas o aspecto econômico dos processos de fugas, uma vez que, entende-se que "os significados políticos das fugas , enquanto resistência escrava, davam-se tão-somente pela perda por parte do senhor de seu produtor direto (o escravo) e do lucro por ele gerado" (GOMES, 2003, p.43), ou seja o capital.

Desta forma não é difícil encontrar indicações da procura de escravos fugidos, que muitas vezes são descritos como indivíduos que faltam várias unhas dos pés, um dedo aleijado da mão direita, causada por uma deformação profissional, ou por até mesmo como sendo marcas de violência empregados pelos seus senhores. As marcas nos corpos dos escravos, citadas nos anúncios, como cicatrizes, tatuagens, marcas de proprietários de escravos, também são algumas características que geralmente aparecem. Mas existem outros tipos de marcas, como as relacionadas á cultura africana a qual pertenciam, e características físicas como pés e mãos grandes, grossos e deformados, a ponto de parecerem inchados, que dificultam a identificação de escravo fugido, já que é comum escravos com esses sinais.

NOVAIS (1997) comenta que muitos destes anúncios vinham com os nomes que os senhores de escravos dava-os, para servir de referência, às vezes, ao lado de sua etnia africana: Ex. " Cândida,

nação Angola, idade de 18 a 20 anos, estatura ordinária, "olhos na flôr do rosto, bastante magra, com bastantes verrugas em uma perna", fugiu de casa de dona Mariana da Piedade, levando "uma mordança de folha de flandres na boca fechada com um cadeado". (D.P.,26-4-30. in: FREYRE, 1963, p.100)

NOVAIS (1997) ainda coloca que, o uso exclusivamente feminino do substantivo na Colônia e no Império demonstra a especialização econômica da mulher cativa no anúncios referentes a mulheres escravas, tinham a preocupação em seus textos de valorizar os seus atributos físicos: Ex. "Já a mulatinha puxando a sarará, de nome Joana, de 14 anos prováveis, fugida de um engenho do Cabo, seria, com suas pernas e mãos muito finas, uma verdadeira "flôr de peccado", côr alvacenta, cabelos carapinho e russo, corpo regular, com todos os dentes, mas com "vestígios antigos de chicote no corpo... a fala às vêzes viciosa... padecendo de bouba nas partes ocultas" (D.P.,4-1-65. in: FREYRE, 1963, p.96).

Sendo assim, "a linguagem dos anúncios de negros fugidos, esta á franca, exata e às vezes crua. Linguagem de fotografia de gabinete policial de identificação: minuciosa e até brutal nas minúcias. Sem retoques nem panos mornos." (FREYRE, 1963, p.85). Além de que,

tendo sido o homem escravizado alienado em sua humanidade e transformado em coisas (mercadoria produtora de mercadoria), ocupa ele, sistematicamente na "literatura" da época imperial, um lugar: a seção dos "anúncios classificados". Ali podemos encontrar o rastro da compra ou venda dos "moleques", "amas de leite", "escravos de nação", "pretos cozinheiros", etc... (MAESTRI, 1979, p.78/79).

Em alguns jornais do século XIX existiam seções dedicadas aos anúncios, onde muitas vezes os anúncios referentes a venda, a compra e fuga de escravos apareciam ao lado de anúncios de animais fugidos, mostrando com isso a forma como o negro escravizado era tratado e considerado, uma "mercadoria", um "objeto". Podemos observar este fato nestes dois anúncios publicados na mesma seção do jornal Correio Paulistano, de 1867:

Escravo fugido- Gratifica-se generosamente a pessoa que aprehender o escravo mulato de nome Belizário, pernambucano ou baiano, idade 20 annos, principiando a buçar, e poucos fios de barba, tem um signal branco no tornozelo do pé esquerdo. (Correio Paulistano, 1967. In:martaianse.blogs.pot.com)

Besta Fugida: 50\$ de gratificação. Fugiu do pasto da freguesia do Braz uma besta grande e nova, ferrada dos quatro pés, de côr vermelha, tem signais de pisadura sobre o lombo, e as orelhas muito grandes que costuma derrubar, dá pelo nome de Boneca, e é muito mansa. Quem a achar e levar a rua nova de S. José n.1 será gratificado com a fiuntia acima. (Correio Paulistano, 1967. in:martaiansen.blogs.pot.com)

Estes anúncios só vieram desaparecer nos fins do século XIX, junto ao desenvolvimento das campanhas jornalísticas em prol da libertação dos escravos.

Era a Abolição que se aproximava. Jornais que aderiam ao movimento emancipador e por escrúpulos, até então desconhecido, de dignidade jornalística, recusavam-se a publicar anúncios de compra e venda de gente e sobretudo de fuga ou desaparecimento de escravos. (FREYRE, 1963, p.67)

Cabe ressaltar que neste momento vários escravos passaram a abandonar as fazendas, pois havia sido aprovada, em 1887, a lei que proibia a pena de açoites como castigo em estabelecimentos públicos, e nada mais se fazia para conter as fugas de escravos.

A supressão do castigo corporal, a debandada dos escravos que abandonavam o trabalho, a importância e até o desinteresse da força pública em fazê-los retomar aos "donos" fizeram com que a abolição já estivesse realizada e de fato quando afinal foi proclamada em lei. (BIANCHI, 1988, pp.108-109)

Finalmente, terminadas as colocações, pode-se constatar que os anúncios, mais precisamente os classificados dos jornais de escravos fugidos do século XIX, foram retratos ou até mesmo reflexos significativos da resistência escrava tanto individual como coletiva, já que a forma mais característica da luta dos escravizados foi, sem dúvida, a fuga e a formação de comunidades de escravos fugidos, os quilombos. Os jornais do século XIX assim tiveram papel relevante não só em momentos políticos decisivos, como a Abolição da escravidão, em 1888, ou então, na Proclamação da República, em 1889, mas também ao mostrar o universo social dos escravos fugidos, que durante muito tempo estiveram encobertos e mesmo esquecidos pelos historiadores. Desta forma, este trabalho através da análise destes anúncios de escravos fugidos, mostra que os negros escravizados, no Brasil, não esperaram passivamente pela sua libertação, a ponto de conseguir que no dia em que a Lei Áurea fosse assinada, apenas uma pequena parcela continuava formalmente como propriedade. A lei de 13 de maio de 1888:

Limitou-se a reconhecer e confirmar um fato preexistente evitando com esse reconhecimento as maiores perturbações, se não terríveis calamidades. A emancipação estava feita no dia em que os ex-escravos recusaram-se a marchar para o eito e começaram o êxodo das fazendas. (NOVAIS, 1997, p.364)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCHI, Ítalo. **História do banco do Brasil**. Rio de Janeiro: Ipiranga, 1988.

CORAND, Robert. **Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1888**. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FIDELIS, Guido. **Jornalismo a grande arma da liberdade**. São Paulo: Nacional, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento**

urbano. 5.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília, INL, 1977.

_____. **Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX.** Recife: Imprensa Universitária, 1963.

_____. **Seleção para jovens.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

GOMES, Flávio dos Santos. **Experiências atlânticas:** ensaios e pesquisas sobre a escravidão e o pós-emancipação no Brasil. Passo Fundo: UPF, 2003.

LEGOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 2003.

LUNA, Luiz. **O negro na luta contra a escravidão.** 2.ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.

MAESTRI, Filho. Mário José. **Quilombos e quilombolas em terras gaúchas.** Porto Alegre: Universidade de Caxias, 1979.

NOVAIS, Fernando. **História da vida privada no Brasil:** Império. Vol.2. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **Escravidão negra no Brasil.** São Paulo: Ática, 1987.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio:** história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** 3.ed. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kheipp. Brasília: Ed.UNB, 1995.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria

www.pucminas.br

www.bndigital.bn.br

www.martaianse.blogs

<http://noticias.bol.uol.com.br>